

PROJETO SEXUALIDADE NA MEDIDA CERTA

Artenizia Leonel Dias¹
Comunicação Oral – Relato de Experiência

RESUMO

O projeto Sexualidade na Medida Certa foi desenvolvido no Centro Municipal de Educação Infantil Ciranda Cirandinha no primeiro semestre de 2012 na turma Maternal I A. Surgiu depois da reflexão sobre uma situação problema que envolveu crianças desta turma, na faixa etária de 02 (dois) anos de idade, em um total de 35 (trinta e cinco) crianças, acompanhadas diretamente por 04 (quatro) professoras regentes. A reflexão que motivou a organização do projeto partiu de um momento ocorrido durante a rotina de ir ao banheiro. Percebeu-se que alguns alunos, que ainda usavam fraldas, quando levadas para fazerem uso do vaso sanitário, procuram imitar os colegas que não usavam mais, ficando frustradas quando não conseguiam fazer o mesmo. O projeto teve o objetivo de diagnosticar em que nível as crianças se encontravam; garantir que a criança desenvolvesse a interiorização da sexualidade; fortalecesse escolhas; construísse mentalmente imagens; interagisse de forma sadia; reconhecesse sua imagem e características físicas e tivesse autonomia no uso do vaso sanitário. Ele foi desenvolvido em ações transversais e atemporais e aconteceram dentro das rotinas da instituição: com intervenções aos educadores; com intercessões às famílias; e atendimento às crianças. Em todas as circunstâncias foi respeitado o limite da ação pedagógica sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada educador, família e criança. As “etapas” foram para garantir compreensão do processo, facilitar a avaliação e a reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Educação Infantil. Crianças. Autonomia.

1 INTRODUÇÃO

O Projeto foi desenvolvido no Centro Municipal de Educação Infantil Ciranda Cirandinha (CMEI Ciranda Cirandinha) que é uma das instituições da Rede Municipal de Ensino de Palmas, Capital do Estado do Tocantins. Oferece a Educação Infantil em período integral a 311 (trezentas e onze) crianças de 04 (quatro) meses a 05 (cinco) anos de idade, distribuídas em 09 (nove) turmas. Em sua maioria, são crianças oriundas de famílias em vulnerabilidade social que ficam aos cuidados educativos e afetivos de 42 educadores.

O Projeto Sexualidade na Medida Certa é uma das atividades desenvolvidas na instituição com a missão prevista em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) de “prestar atendimento de qualidade que propicie o desenvolvimento integral das crianças e a construção de vínculos afetivos, por meio do cuidar do educar e do brincar, completando a ação da

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins – UFT e educadora da Rede Municipal de Palmas – TO.

família e da comunidade”. Planejado e realizado durante os primeiro e segundo bimestres de 2012. Surgiu depois da reflexão sobre uma situação problema que envolveu alunos de uma das turmas compostas por crianças na faixa etária entre 01 (um) e 02 (dois) anos de idade. São 35 (trinta e cinco) crianças agrupadas na turma “Maternal 1-A”, acompanhadas diretamente por 04 (quatro) professoras regentes.

A reflexão que motivou a organização do projeto partiu de um momento ocorrido durante a rotina de ir ao banheiro. No CMEI Ciranda Cirandinha existem duas turmas de Maternal que fazem uso do mesmo espaço, que, por sua vez, fica fora das salas de aulas. Conforme as crianças, que já deixaram de usar fraldas descartáveis, vão tendo necessidades, as professoras as acompanham, individualmente ou em grupos.

Certo dia uma das professoras reuniu duas crianças, do sexo masculino, que já deixaram de usar fraldas para irem ao banheiro. Ao ver a cena, uma das alunas, que ainda usa fraldas, insistiu para ir junto. Não era costume levar alunos que ainda usam fraldas para a rotina, mas a professora permitiu sua ida. Chegando lá, um dos alunos se dirigiu para o vaso sanitário, baixou a parte dianteira de seu short, retirou sua genitália e, segurando-a com uma das mãos fez xixi em pé, de forma que o jato de xixi alcançava, sem problemas, o centro da bacia do vaso sanitário. A criança “visitante” assistiu a cena de perto, com uma notável curiosidade, e, tentou fazer o mesmo, abaixando a frente do seu short, sendo impedida pela fralda descartável que usava. Voltou-se para a professora pedindo-lhe para que a ajudasse a retirar a fralda, pois “queria fazer xixi”. A professora, notando que seu interesse era imitar o colega, auxiliou-a a tirar a fralda e vestir-lhe o short; ela voltou-se com notável entusiasmo ao mesmo vaso em que o coleguinha havia usado. Diante do vaso sanitário, em pé, a aluna, em silêncio, se aproximou o possível e, depois de abaixar o short, primeiro com uma das mãos, depois com as duas ao mesmo tempo, puxava sua barriga para cima, de forma que conseguisse fazer com que o jato de seu xixi, que neste momento já escorria por suas pernas, alcançasse o centro do vaso sanitário. O resultado foi uma poça de xixi e a nítida frustração da criança em não conseguir fazer o mesmo que seu colega. O colega, por sua vez, ignorou o fato sem maiores curiosidades, lavou suas mãos, e já estava pronto para voltar à sala; enquanto a aluna, quase em prantos, porque tinha molhado seu short, procurou a ajuda de sua professora, que até então olhava tudo de forma discreta.

A professora, notando sua aflição em resolver a situação, providência a troca de sua roupa enquanto conversa e acalenta-a ao dizer “Não se preocupe. Agora você vai vestir um

short cheiroso e limpinho”. Assim a criança esquece o acontecido e volta para a sala. Mas, a professora fica se questionando: “como trabalharia esta situação?”; “será que tal fato fazia parte da realidade de outras crianças do grupo?”; “se sim, o que poderia ser feito?”. Ao chegar à sala a professora socializa com as demais colegas e chegam à conclusão de que o caso deveria ser trabalhado com a realização de um projeto interventivo, tendo como ação inicial mais estudos sobre o tema.

2 OBJETIVOS

Organizar uma prática educativa de forma em que as crianças desenvolvam a capacidade de familiarizar-se com a imagem do próprio corpo quanto à identidade e concepção de sexualidade. Considerando a missão da instituição, conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), em seu Volume 02 – “Formação Pessoal e Social” e Volume 03 - Conhecimento de Mundo. Alcançando:

- ✓ Diagnosticar em que nível as crianças se encontram quanto à expressão da sexualidade.
- ✓ Garantir que a criança desenvolva a interiorização da sexualidade que reconhece.
- ✓ Garantir que a criança fortaleça escolhas que condizem com sua sexualidade.
- ✓ Garantir que a criança consiga construir mentalmente a imagem de uma pessoa ausente.
- ✓ Garantir interação sadia que proporcione o fortalecimento do respeito às diferenças e estimule a troca entre as crianças.
- ✓ Garantir que a criança reconheça sua imagem e as características físicas que integram a sua pessoa.
- ✓ Garantir que a criança tenha autonomia no uso do vaso sanitário conforme condições dadas por seu sexo.
- ✓ Garantir que a criança utilize o banheiro com segurança na escola, em casa ou em outras situações.

3 DESENVOLVIMENTO

Apresentam-se as ações do projeto em etapas, contudo, esclarece-se que são transversais e atemporais, de modo que acontecem em três circunstâncias, dentro das rotinas da instituição: primeiramente, com intervenções aos educadores na busca de conhecimentos sobre o assunto; segundo, tendo intercessões às famílias e; em terceiro às crianças, com mediações não diretivas circunscritas ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico. Em todas as circunstâncias, as diferentes temáticas da sexualidade são trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada educador, família e criança. Portanto, a divisão do projeto em “etapas” é apenas para garantir uma melhor compreensão das ações que envolvem todo o processo desenvolvido, facilitando a avaliação e a reflexão sobre os resultados alcançados.

Uma das etapas do projeto é o “diagnóstico da expressão da sexualidade”, que objetiva verificar se a situação que envolveu a aluna no fato narrado abrange outras crianças, quais e em que nível. Na abordagem, identificam-se como as crianças chamam, e se comportam quando citam partes do corpo, dando uma atenção especial a como chamam os órgãos genitais. Ela é feita através de conversas individuais, observando discretamente as expressões ouvidas, ora com a criança, ora com seus familiares e tabulando-as em ficha de acompanhamento da etapa. Com o resultado busca-se, paulatinamente, homogeneizar uma expressão para a atuação em sala, deixando a família ciente desta ação e socializando com as crianças através das conversas individuais, nas rotinas de troca de roupas, fraldas, banho e uso do banheiro; também se faz uso de músicas, como, por exemplo, “cabeça, ombro, joelho e pé”, acrescentando em determinado momento da música os órgãos genitais com o nome escolhido. Esta etapa acontece junto com as ações de acompanhamento e desenvolvimento do controle dos esfíncteres. Além de outras intervenções e conteúdos. Somado a fichas, os resultados são anotados no Caderno de Registro, criado para servir de referência nas reflexões e avaliações do projeto.

Outra etapa, busca a “ampliação de sujeitos envolvidos no projeto”, promovido em três encontros: um de apresentação, outro de acompanhamento e um último de avaliação e socialização de resultados entre equipe escolar, pais e parceiros do projeto. De modo que, até esta data, já ocorreram dois momentos. Em todos, os professores, os pais e os parceiros

recebem a oportunidade de exporem depoimentos (como o que justifica este projeto); além disso, são socializados os livros e materiais que norteiam o trabalho; assistidos, através de data-show, vídeos de especialistas e instituições que atuam com o trabalho de pesquisa e educação do desenvolvimento psicossocial da criança. Tendo educadores da Universidade Federal do Tocantins (UFT), especialistas de áreas afins que facilitam os estudos entre educadores e familiares, garantindo a correta interpretação das situações que surgem e norteiam uma intervenção sadia.

O envolvimento dos pais é recomendação de José Martins Filho que escreveu sobre a "terceirização da educação dos filhos", "fenômeno em que os pais, por mais que amem seus filhos, acabam transferindo seus papéis fundamentais de educadores, alimentadores, cuidadores para outras pessoas" (FILHO, 2007). Além disso, Marta Suplicy recomenda que "professores e auxiliares da escola precisam ter uma atitude comum diante da sexualidade, o tema deve ser pensado conjuntamente". (SUPLICY, 1999, p. 84).

Na etapa "interiorização da sexualidade que a criança reconhece", considera-se que "as crianças vão, gradualmente, percebendo-se e percebendo os outros como diferentes" (RCNEI, vol. 02, p 72), portanto, são organizadas atividades que proporcionam a interação e a percepção de si mesma e dos outros. Na busca do fortalecimento da autoestima como "ser do sexo masculino" ou "ser do sexo feminino", além de promover sua autonomia, conforme suas condições psicofisiológicas. As professoras garantem, por exemplo, que as crianças usem junto o banheiro, conversem, compartilhem experiências e outras ações, independente do sexo ou do nível de controle de esfíncter que estão. Maria Clotilde Ferreira escreve que "durante o tempo em que está aprendendo a controlar os esfíncteres, a criança está construindo sua autoestima, desenvolvendo uma boa relação com o seu corpo e, conseqüentemente, consigo mesma." (FERREIRA, 2001, p. 139)

Nesta etapa a família é também convocada para momentos de conversas e treinamentos de como os pais e/ou adultos responsáveis próximos das crianças, podem e devem servir de referência na construção da identidade da sexualidade. Um exemplo de recomendação que é dada é: que o pai/mãe (ou responsável maior e capaz) use o banheiro com a criança. Esta ação ampara-se em estudos de Marta Suplicy que diz "desde já, é bom saber que os pais, assumindo ou não, falando ou não, sempre estão dando educação sexual. Dependendo de sua atitude." (SUPLICY, 1999).

O projeto contempla ainda a etapa de “fortalecimento de escolhas conforme sua sexualidade”, pela qual os educadores da instituição disponibilizam bonecos que representam em estatura as crianças, inclusive com a presença dos órgãos genitais. Estes personagens são apresentados às crianças em momentos de brincadeiras para que escolham com quais querem interagir, considerando que “desde pequenos, os bebês já manifestam suas preferências e são, também, capazes de escolher.” (RCNEI, 1998, vol. 02, p. 31), tendo a mediação direta dos educadores que acompanham as mesmas.

Na etapa de “construção mental de imagens” aproveitam-se os bonecos da etapa anterior durante as rotinas da classe. As educadoras promovem momentos livres e dirigidos nos quais as crianças brincam com os bonecos e exploram o faz-de-conta de diversas formas. Ela embasa-se nas recomendações de que “nessa faixa etária, o faz-de-conta utiliza-se principalmente da imitação para acontecer.” (RCNEI, 1998, vol. 02, p. 31). É neste momento que os bonecos “ganham vida” recebendo nomes e passando a fazer parte da turma.

Outra ação que possui uma etapa específica é o “fortalecimento do respeito às diferenças”, pela qual a criança escolhe um boneco que vai acompanhá-la nas rotinas de ir ao banheiro, tomar banho e vestir-se (além de outras rotinas). Além disso, ocorre a troca de bonecos, pela qual, uma criança “leva a outra” (o boneco), para casa, para passar o final de semana com o mesmo. Reforçando e favorecendo a interação entre as crianças através do faz-de-conta. Dentre as recomendações de observação que são dadas aos pais, seguem-se indicações de Marta Suplicy, como, por exemplo: “como ainda não dá para a criança elaborar sensações fortes (...) uma forma de vivenciá-las é por meio de brincadeiras. Ficar atento a brincadeiras “estranhas”, pois podem indicar abusos” (SUPLICY, 1999, pg. 38).

O RCNEI aborda a questão com veemência quando diz:

O estabelecimento de condições adequadas para as interações está pautado tanto nas questões emocionais e afetivas quanto nas cognitivas. As interações de diferentes crianças, incluindo aquelas com necessidades especiais, assim como com conhecimentos específicos diferenciados, são fatores de desenvolvimento e aprendizagem quando se criam situações de ajuda mútua e cooperação. As características de cada criança, seja no âmbito afetivo, seja no emocional, social ou cognitivo, devem ser levadas em conta quando se organizam situações de trabalho ou jogo em grupo ou em momentos de brincadeira que ocorrem livremente. (RCNEI, 1998, vol. 02, p. 33)

Na etapa “reconhecimento de características físicas pessoais.” Aproveita-se o espelho que está na sala para levar as crianças a se conhecerem, tendo interação entre si e com seus

“amigos do faz-de-conta”. Segundo o RCNEI a presença do espelho para que as crianças façam reconhecimentos físicos sobre si é de fundamental importância. Citando:

O espelho é um importante instrumento para a construção da identidade. Por meio das brincadeiras que faz em frente a ele, a criança começa a reconhecer sua imagem e as características físicas que integram a sua pessoa. É aconselhável que se coloque na sala, um espelho grande o suficiente para que várias crianças possam se ver de corpo inteiro e brincar em frente a ele. (RCNEI, 1998, vol. 02, p. 33)

São momentos em que os alunos se observam, de forma individual e coletiva. Acontecem antes do banho, por exemplo, ao invés de só se despirem no banheiro (os banheiros ainda não possuem espelhos), as crianças são convidadas, em pequenos grupos, a se despirem na sala e possuem a oportunidade de observar sua imagem e a de seus colegas livremente sem incentivo do professor. Claro que se tomam cuidados recomendados por Marta Suplicy: “usar o bom-senso: não é preciso transformar o espaço em um campo de nudismo, mas também não é trancar as portas [...] a curiosidade pelo corpo do outro diminuirá com o tempo e com a informação recebida.” (SUPLICY, 1999, p. 28).

Na etapa “autonomia conforme condições dadas pelo sexo.” volta-se para o cuidado com relação à forma higiênica de se usar o vaso sanitário, conforme as limitações dadas pelo sexo da criança. Por exemplo, cuidar para que as meninas compreendam as razões dos meninos conseguirem, sem se sujarem, fazer xixi em pé, e/ou sentados, enquanto que elas só conseguem fazê-lo sentadas. É também uma atividade recomendada pelo RCNEI durante o processo de retirada das fraldas, e respeitam-se o ritmo de cada criança. Conforme:

O processo de retirada de fraldas pode ser facilitado pela organização da rotina e do ambiente pelos professores e pela observação e imitação pela criança das outras crianças que vão ao sanitário ou que estão começando a utilizar o penico. A primeira condição para que os adultos iniciem esse processo com a criança é o respeito por sua vontade e a identificação de suas necessidades, tanto pelos familiares quanto pelo professor. (RCNEI, 1998, vol. 02, p. 35)

Na etapa de “utilização de ambientes com segurança” as educadoras buscam oferecer conceitos práticos de segurança durante o uso dos banheiros na creche. Assim como, contam

com a parceria das famílias diante da necessidade de se tornarem referências nos lares quanto às formas seguras de utilizar o banheiro. Por exemplo, na creche as crianças possuem acesso a banheiros adaptados e sempre são acompanhadas pelos adultos para evitar acidentes. Entretanto, a grande maioria não possui este acesso em casa e depende da atenção do adulto para conseguir utilizar, com segurança, os utensílios que estão ao alcance. Esta etapa também segue uma orientação didática do RCNEI:

É recomendável orientar as crianças a usarem os utensílios, brinquedos e objetos de forma segura. [...]. Atividades pedagógicas que envolvam uso de procedimentos ou produtos que possam colocar em risco a saúde das crianças [...] precisam ser planejadas e supervisionadas cuidadosamente. (RCNEI, 1998, vol. 02, p. 36)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto, inicialmente sem nome, ficou pronto em uma semana calorosa de estudos sobre o assunto. As educadoras aproveitaram o material impresso em livros e nos RCNEI's ao alcance. Muitos artigos da internet também foram encontrados, contudo, o receio sobre eles, considerando o melindroso tema, impediu que fossem pautados neste momento. Meio incompleto foi apresentado à Coordenação Pedagógica, que passou a colaborar com seu desenvolvimento. O tema “delicado” garantiu a interação entre educadoras e Equipe Gestora, principalmente na problemática “como isso seria apresentado aos pais?”.

Enquanto isso o material que havia sido estudado já auxiliava as professoras na atuação em sala de aula. Muitos questionamentos surgiram: “estamos no caminho certo?” perguntavam-se. O mais difícil foi ouvir de colegas professores que o tema era complicado e que os pais não apoiariam ações nesta dimensão. “Com ventos ao contrário” a inquietação foi eminente. Então uma das educadoras lembrou-se da Dr^a. Cristiane de Quadro, quando a acompanhara nos estudos acadêmicos de graduação na Universidade Federal do Tocantins - UFT. Por e-mail a profissional recebeu o projeto, agora com nome de Projeto Sexualidade na Medida Certa; e logo se interessou em conversar com o grupo para discutirem suas propostas, consolidando a parceria com a instituição.

No encontro que aconteceu na própria universidade, as educadoras expuseram suas angústias e questionamentos, sendo motivadas desde o primeiro momento da reunião, quando a profissional iniciou dizendo que havia “degustado” tudo o que ali estava escrito. Receberam recomendações de como continuariam as ações previstas; de que as “reações contrárias” eram

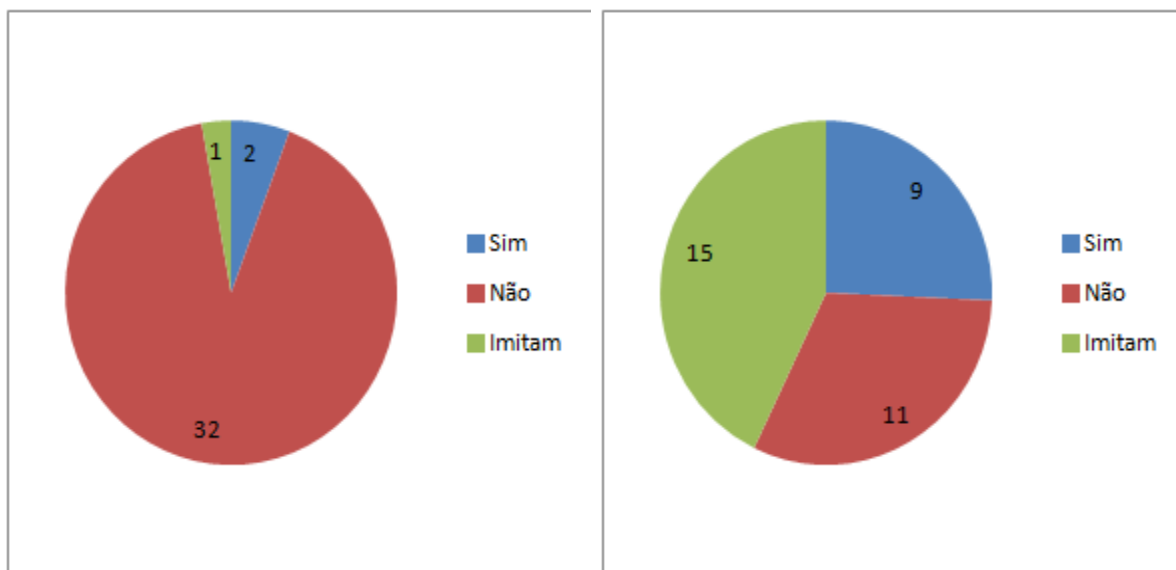
inevitáveis devido à cultura e que faria parte da etapa que previa “ampliação de sujeitos envolvidos no projeto”. Cristiane também elucidou que o título do projeto é a primeira provocação a reações, se ele fosse “partes do corpo humano”, por exemplo, com a sexualidade subliminar, talvez não existisse essas preocupações. Sabe-se que “qualquer atitude tomada pelos educadores, seja silenciar o fato, ignorar, repreender ou esclarecer, repercute na visão da criança a respeito da sexualidade.” (Silva, 2009)

Logo no primeiro diagnóstico percebe-se que outras crianças reproduzem de diversas formas o fato que motivou o projeto. A diferença é que agora as educadoras possuem segurança nas intervenções que fazem, considerando que a “imitação é resultado da capacidade de a criança observar e aprender com os outros e de seu desejo de identificar com eles, ser aceita e de diferenciar-se” (RCNEI, 1998, vol. 02, p. 21).

A retirada das fraldas aconteceu livremente, basicamente através das imitações. Houve um significativo aumento de crianças que se desprenderam das fraldas por conseguirem controlar os esfíncteres e usar o vaso com autonomia. Ao passo que, existem aqueles que vão ao banheiro por curiosidade ou por interesse, contudo ainda não conseguem controlar os esfíncteres. Ao verem seus coleguinhas que já usam o vaso com autonomia procuram fazer o mesmo e percebe-se o prazer da criança em conseguir sentar no vaso, se sentir segura e mostrar que é capaz de usar o banheiro como os demais. “A primeira condição para que os adultos iniciem esse processo com a criança é o respeito por sua vontade e a identificação de suas necessidades, tanto pelos familiares quanto pelo professor”. (RCNEI, 1998, vol. 2 p. 35). De modo que as educadoras vivenciam a sexualidade neste processo, desde o controle dos esfíncteres e a retirada de fraldas, atuando em consonância com os aspectos afetivos, biológicos, sociais e emocionais de cada criança.

Gráfico 1: Crianças que pedem para ir ao banheiro por controlarem os esfíncteres ou por imitação no início do projeto.

Gráfico 2: Crianças que pedem para ir ao banheiro por controlarem os esfíncteres ou por imitação atualmente.



Universo: 35 crianças

Durante este processo as educadores continuam seus estudos. E passa a compreender que “o processo educativo escolar requer que seja processual e sistematizado. Isso exige dos educadores planejamento para atuar com as crianças, em como que os profissionais embasem-se em autores e práticas lúdicas planejadas, para melhor entendimento das crianças em relação ao tema proposto sem banalizá-lo.” (ZOTTI, 2012).

As conversas com os pais aconteceram desde o começo do projeto, de forma informal, mas, já colhendo informações preciosas às intervenções que se sucediam em classe. Como por exemplo, o espanto de uma mãe ao ouvir sua filha chamando a genitália de “piu piu” ao contrário do costume da família de chamar “perereca”. As educadoras já conseguiram ajudar esta mãe com uma expressão de Freud (1856-1939) quando ele diz que sexualidade “é algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento.” (Freud, *apud* Silva, 2009). Foram estas conversas que motivaram os pais a participarem do primeiro encontro que tinha um objetivo inicial de apresentação do projeto, mas ganhou uma dimensão bem mais produtiva. Alguns pais continuavam sem compreender a necessidade de se trabalhar o tema com crianças tão pequenas. Isso já era esperado, pois eram os primeiros momentos que a Escola promovia envolvendo explicitamente o assunto sexualidade infantil.

Durante o segundo encontro, após um bom tempo de conversa, os pais já demonstravam compreender melhor a proposta. Perceberam que as professoras não estariam trabalhando sexo, mas sim Educação Sexual e se sentiram à vontade para interagirem tanto com as professoras regentes da sala quanto com a Dr^a Cristiane de quadros, profissional que mediou o diálogo. Percebeu-se o entusiasmo dos pais através de depoimentos como: “que

bom que os alunos do Maternal I A estão tendo a oportunidade de participarem de um projeto como este.”; “eu confio nas professoras são excelentes.”; “eu apoio o projeto é muito bom.”; “gostaria de ter uma cópia do projeto para conhecer melhor.”.

Outro diálogo interessante que ocorreu é referente à etapa “da interiorização da sexualidade que reconhece”. Os pais foram orientados para que, na medida do possível, tomem banhos juntos. Desde que, o momento seja algo natural, se o adulto se sentir à vontade. As educadoras esclarecem aos pais que depende da cultura da família, se o nudismo é tratado com normalidade ou não e que é apenas uma chance de interação social, considerando que “nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com os adultos, contribuindo para que as diferenças entre as pessoas sejam valorizadas.” (RCNEI, vol. 02, p 12).

A fonte original da identidade está naquele círculo de pessoas com quem a criança interage no início da vida. Em geral a família é a primeira matriz de socialização. Ali, cada um possui traços que o distingue dos demais elementos, ligados à posição que ocupa (filho mais velho, caçula e etc.), ao papel que desempenha, as suas características físicas, ao seu temperamento, às relações específicas com pai, mãe e outros membros. (RCNEI, vol. 02, p 14).

Já aqueles que não tinham o hábito de banhar com a criança e agora adotaram a postura socializam nos momentos de diálogos, situações que chegam a ser cômicas, como por exemplo, o pai que diz que “nos primeiros dias foi difícil... pois as atenções foram voltadas totalmente para meus órgãos genitais”. As perguntas foram inevitáveis, mas os pais já tinham sido orientados pela escola de que as repostas deveriam satisfazer somente aquela curiosidade momentânea, nada, além disso.

Para a etapa “de construção mental de imagens” a instituição adquiriu bonecos de plástico de estatura das crianças, inclusive com a presença dos órgãos genitais. Estes personagens foram apresentados em momentos de brincadeiras e cada criança escolheu um “coleguinha”, considerando que “desde pequenos já manifestam suas preferências e são, também, capazes de escolher” (RCNEI, 1998). Enquanto isso, os pais doaram roupas, utensílios e acessórios para os bonecos que ficaram presentes durante as rotinas da classe.

Com estes materiais as crianças tinham momentos livres e dirigidos para brincarem e explorarem o faz-de-conta de diversas formas: no vestir, no banhar, no ir ao vaso, no dormir, no comer, no brincar, no conversar. Tendo em vista que “nessa faixa etária, o faz-de-conta utiliza-se principalmente da imitação para acontecer.” (RCNEI, 1998). Ou seja, os bonecos

“ganharam vida” receberam nomes e passaram a fazer parte da turma. Essa interação fortaleceu o respeito às diferenças, pois as crianças escolheram um boneco que passou a acompanhá-las tanto na escola quanto em casa ao “levar o coleguinha para visitar sua família”. Os pais foram capacitados em como receber o “visitante”, e, dentre outras, chamou-se a atenção para “ficarem atentos a brincadeiras “estranhas”, pois poderiam indicar abusos” (SUPLICY, 1999).

Esta ação foi muito gratificante de se trabalhar, pois as crianças concretizam a realidade do seu cotidiano através das brincadeiras de faz-de-conta. Ao utilizarem os bonecos e outros recursos disponibilizados, elas “conversam”, “cantam”, “brincam”, “dão banho”, “trocam as roupas”, “levam ao vaso”, “passeiam”, “tomam injeção”, “fazem xixi e cocô”, dentre muitos outros momentos.

Verifica-se que a ação de manter os bonecos em sala também foi importante ao oportunizar as crianças explorarem as partes do corpo; mencionarem a seu modo os órgãos genitais; questionarem suas funções com a famosa expressão “o que é isso?”; encarar a genitália como qualquer outra parte do corpo. De modo que as educadoras ficaram cada vez mais tranquilas com a presença dos “bonecos com sexo” dentro da sala de aula, considerando que eles as ajudam na mediação de conhecimentos importantes para a criança, além de garantir uma intervenção com normalidade sobre a sexualidade infantil. Ações que vão além, pois com a presença dos brinquedos e com as “histórias” que cada criança cria em sua imaginação, a sala se enche de empolgação para manusear sabonetes, água, toalhas, fraldas, xampus, banheiras, pentes, entre outros recursos que se fazem necessário em outras intervenções da Educação Infantil.

Percebemos que essa ação propiciou às crianças uma melhor construção de sua identidade enquanto seres de sexo diferente, menino e menina, e que a aceitação do outro, quando de sexo diferente, foi feita sem discriminação, mas com grande afetividade.



Figura 1: Criança em momento de faz-de-conta.

A etapa que previa o uso do espelho para as crianças se observarem, inclusive em momentos que estiverem despidas, também aconteceu naturalmente. Nas primeiras vezes, as professoras aproveitaram a rotina da “hora do banho”; foram formados dois grupos: os que não usam fraldas foram primeiro para o banheiro, deixando os que usam em sala; estes se despiram até ficarem apenas com as fraldas descartáveis; e nesta rotina que se repetiu por alguns dias não se notou muita curiosidade. Cabe aqui citar que as educadoras aproveitam para trabalhar “o reconhecer-se, imitar-se, olhar-se, admirar-se” (RCNEI, vol. 02, p49) e lembrar que nos banheiros da instituição não possuem espelhos. Após a tranquilidade desta fase, as educadoras passaram formar três grupos envolvendo os que usam ou não, as fraldas. As crianças de grupo despem-se por completo e vão para o banheiro de toalhas. Uma intervenção que exigiu mais cuidados, pois nos primeiros dias foram inevitáveis as curiosidades em “o reconhecer-se, imitar-se, olhar-se, admirar-se” direcionadas aos órgãos genitais. As risadas, perguntas, contatos físicos e outras “traquinagens” foram inevitáveis. De modo que hoje, as crianças estão muito mais a vontade em suas relações e até mesmo com relação á rotina do banho, que antes envolvia toda uma “superprodução”, envolvendo o

transporte de bolsas, fraldas e outros apetrechos rumo aos banheiros que ficam ao final do corredor.



Figura 2: Crianças em momento de preparação para o banho.

Durante o desenvolvimento da etapa “autonomia conforme condições dadas pelo sexo” que acontece concomitantemente com as demais, as educadoras sempre tomavam precauções quanto aos hábitos de higiene. Uma abordagem subliminar, até porque os próprios referenciais curriculares defendem que: “os sanitários das instituições precisam estar constantemente limpos, pois as crianças tocam no vaso para poderem sentar e descer e nem sempre se lembram de lavar as mãos depois” (RCNEI, vol. 2 p. 47). As crianças do sexo feminino que insistem em fazer xixi em pé diante do vaso são lançados desafios lúdicos: “quem consegue sentar no vaso?” e acabam se sentindo entusiasmadas quando completam tal feito.



Figura 3: Higienização após o uso do vaso sanitário.

A etapa concernente a “utilização de ambientes com segurança” foi impactante, principalmente para os pais. Durante as conversas e bilhetes informativos que foram distribuídos com o intuito de esclarecer a necessidade de manter um ambiente de segurança para as crianças em casa, os pais demonstram surpresa “eu nunca tinha parado para observar isso”, afirma uma mãe. Outro depoimento interessante é o de um pai, quando as professoras falavam sobre a possibilidade da criança ter medo de usar o vaso em casa por ser grande e eles imaginarem que poderiam cair dentro. O pai não disfarçou o sorriso e disse “vocês falando isso eu me lembro de meu irmão que chorava para não sentar no vaso dizendo que ia ser puxado”. O pai pediu para visitar o banheiro e ver o tamanho do vaso na possibilidade de adequar em sua casa. As professoras esclareceram que o objetivo não era a construção de banheiros com vasos adaptados, mas voltar à atenção para o momento em que a criança irá utilizar o mesmo como, por exemplo, está acompanhado de um adulto ou usar o penico ou colocar um assento sanitário que facilitaria o acesso da criança. Porém foi esclarecido aos pais

que segurança não está somente no uso do vaso, mas qualquer outro utensílio que esteja ao alcance das crianças.

O resultado dessa etapa é que as crianças perderam o medo de utilizarem o vaso sanitário, pois as mesmas foram orientadas a sua utilização não somente pelas educadoras, mas também pelas famílias. Prova disso é que grande parte das crianças quando vão ao banheiro, muitas vezes sentam no vaso e não querem mais sair de lá, literalmente, elas sentam, algumas se encostam à parede e ficam conversando com as outras crianças e educadoras. Elas fazem uso do vaso de forma natural e espontânea, mesmo quando elas eram motivadas pelas educadoras ou por imitação, iam ao banheiro com muito entusiasmo e interesse. Como resultado, tivemos um grande número de crianças que deixaram de usar fraldas e dificilmente faziam suas necessidades fisiológicas nas roupas.

5 EDUCAÇÃO E A SEXUALIDADE INFANTIL EM PALMAS

Além de tornar-se referência de trabalho na instituição o projeto chamou atenção dentro da Rede Municipal de Ensino de Palmas, ao passo que a diretoria de educação infantil abriu espaço específico para que a experiência fosse socializada durante o Seminário de Educação Infantil. O encontro acontece anualmente busca garantir a formação continuada dos educadores que atuam na área e o resultado do projeto foi considerado útil neste processo, considerando que conseguiu quebrar paradigmas e preconceitos que também alcançam educadores.

Na programação do Seminário, houve a apresentação em plenária e momentos específicos para estudos sobre o tema no formato de oficinas que ficaram sob a direção das educadoras do CMEI Ciranda Cirandinha responsáveis pelo projeto. Por meios delas, grupos de professores estudaram sobre a sexualidade infantil, discutiram a importância de se desenvolver o trabalho em suas unidades de ensino, socializaram sugestões de como agregar pais e auxiliares administrativos; e concluíram com a construção de outros projetos sobre o tema para serem realizados em suas instituições. De modo que o trabalho de formação de professores, além de ter-lhes permitido observar o assunto da sexualidade infantil com outros olhares, ainda garantiu que dessem continuidade ao trabalho em suas unidades de atuação, de forma clara, transparente e eficiente.

Verificou-se ainda que a atuação de educadores da rede municipal não se limitou ao Seminário e às Oficinas de Formação, tendo em vista que as educadoras do CMEI Ciranda Cirandinha foram convidadas para realizarem palestras com pais, educadores e parceiros nas demais instituições de ensino infantil de Palmas. As educadoras compareceram para exporem os resultados assim demonstrarem a pais e educadores de outras unidades que o trabalho era necessário, era possível e que trouxe bons resultados para o desenvolvimento infantil das crianças.

5 O RECONHECIMENTO NACIONAL

A atuação em torno do tema sexualidade infantil com crianças, como metodologia de trabalho na educação infantil, saiu dos muros do CMEI Ciranda Cirandinha, alcançou outras instituições de Palmas – TO e foi bem recebida pela equipe promotora do Encontro Nacional de Educação Infantil. A proposta de participar do encontro partiu da Secretaria Municipal da Educação que organizou a logística para que as educadoras estivessem representando o município no evento. Em Natal – RN, as educadoras socializaram a experiência diante de olhares curiosos de profissionais de todo o país, que interagiam com atenção, de modo que o assunto perpassou os limites interestaduais, interculturais e outras especificidades que possui o Brasil.

Para chegar à aprovação no encontro nacional, as educadoras viram-se diante de um edital de seleção de trabalhos e durante o processo de organização dos textos e das evidências requeridas estudaram, refletiram, avaliaram e integraram novas possibilidades à atuação. Ao passo que a banca examinadora aprovou a participação do CMEI e o classificou como projeto destaque que representou a educação infantil oferecida no Estado do Tocantins. Tais conquistas demonstraram o quanto o tema era importante e necessário de ser trabalhado em instituições de educação infantil, de modo que a superação dos obstáculos foi possível e trouxe resultados significativos para o desenvolvimento das crianças que seriam contempladas.

A participação das educadoras no encontro ainda teve outra avaliação, realizada durante o evento por membros de uma banca examinadora composta por mestres e doutores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ao passo que alcançou conceitos máximos para que projeto recebesse o Certificado de Referência Nacional em Educação Infantil. “Uma atuação simples, mas que apresenta perspectivas e diálogos possíveis, considerando que a

criança, a infância e sua educação são objetos multifacetados e que requerem múltiplos olhares” comentou uma das examinadoras em sua defesa pela nota máxima.

5 CONCLUSÃO

A proposta de trabalho com sexualidade infantil foi primeiramente recebida com ressalvas e dúvidas, mas alcançou, ao final do processo, o reconhecimento de educadores e pais, tanto quanto a sua importância para com as crianças do Maternal, quanto para as outras que estudavam nas demais turmas da instituição. Descobriu-se que sexualidade infantil estava inerente a retirada das fraldas, era um processo prazeroso, ocorria com liberdade, baseava-se nas imitações e era preciso ter precauções para que não se tornassem momentos de “tortura”.

Os resultados puderam ser comprovados quantitativamente, pois houve um significativo aumento de crianças que se desprenderam das fraldas por conseguirem controlar os esfíncteres; e qualitativamente por passarem a usar o vaso com autonomia após ampliar-se o acesso daqueles que iam ao banheiro por curiosidade, por sentir prazer, por querer imitar, por ter necessidade. Isso se deu pela decisão de acatar “a condição para que os adultos iniciem esse processo com a criança é o respeito por sua vontade e a identificação de suas necessidades, tanto pelos familiares quanto pelo professor” (RCNEI, 1998).

Enumera-se como conquistas com as famílias a compreensão da necessidade de se trabalhar o tema com crianças; a interação com os educadores sobre o assunto; o entusiasmo em depoimentos; a decisão de passarem a responder às curiosidades momentâneas das crianças; a quebra de paradigmas e de preconceitos relacionados à sexualidade e a homossexualidade. Conquistas que foram notáveis na hora de levarem os bonecos para casa, pois contagiavam as demais crianças da instituição, ao passo que os pais aceitavam uma boneca ser escolhida por um menino neste processo.

Ainda registra-se como conquista a nova postura que se nota dos profissionais da instituição. Antes das ações do projeto era comum ouvir repressões em alta voz dos auxiliares administrativos e até mesmo educadores quando viam as crianças “segurando as genitálias de forma imprópria”. A consciência de que o “toque” faz parte do processo de desenvolvimento infantil garantiu esta mudança. Além disso, os educadores de outras turmas estão fazendo uso das rotinas que foram implantadas na turma do Maternal, como por exemplo: a ida ao banheiro em grupos heterogêneos, a melhor utilização do espelho, o uso do faz-de-conta, a

conversa com os pais sobre o assunto e outras ações que se referenciam nos educadores que realizaram o Projeto Sexualidade na Medida Certa.

6 REFERÊNCIAS

FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti (org.). **Os fazeres na educação infantil**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS FILHO, J. **A criança terceirizada: Os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo**. Campinas: Papirus, 2007.

RCNEI, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. **Volumes: 1 - Introdução; 2 - Formação pessoal e social; 3 -Conhecimento de mundo**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu: desenvolvimento sexual da criança de 0 a 10 anos**. São Paulo: FTD, 1999.

SILVA, Kelly Cristina. **As Implicações da Sexualidade Infantil e a Orientação Sexual nas Instituições Escolares**. Publicado em 2009. Disponível em <http://www.webartigos.com>
Acesso em 25/04/2012.

ZOTTI, Solange. MINUSCOLI, Maritânia F; SANTHIER, Marli F; FURLAN, Samira. **Sexualidade e Ludicidade na Educação Infantil**. UNIVERSIDADE DO CONTESTADO- UnC. Disponível em: <http://www.pesquisa.uncnet.br> Acesso em 29/02/2012.